

O que nos arranca do nada?

Jornada dos Colegiais – Belo Horizonte / Brasília / São Paulo –18 de abril 2020

A seguir algumas notas do encontro realizado entre um grupo de colegiais de diversas cidades. O diálogo foi realizado por videoconferência no sábado, 18 de abril de 2020, e teve a participação das educadoras Giovanna Ottoni e Sêmea Assaf, de Belo Horizonte, e Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional do movimento Comunhão e Libertação.

Colocação: Essa semana eu estava lendo o que o Carrón escreveu para a gente na Assembleia da Itália, e ele diz num trecho que um amigo dele, um jovem da faculdade, reclamava que não podia mais se encontrar com ele. Eu vou ler o que ele disse, porque para mim foi muito significativo: *“Certo dia os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam que haviam se esquecido de pegar os pães. Apesar de terem testemunhado dois milagres gigantescos, duas multiplicações de pães como jamais ocorrera na História, começaram a brigar entre si por terem esquecido os pães. Você poderia dizer: ‘Viu só? Quando falta Ele – com E maiúsculo – então reclamam’. Mas eu disse ao meu amigo: O problema é que Jesus estava lá, do lado deles, no barco. E para mostrar onde estava o problema, não fez mais nenhum milagre. De que adiantaria fazer mais um, como todos os que já tinham visto? Que contribuição dá Jesus? Ele dirige aos discípulos três perguntas. A primeira: Quantos pães sobram depois da primeira multiplicação? A segunda: quantos sobram depois da outra? E por fim: ‘E ainda não entendeis?’. Está escrito em Marcos. Jesus não faz outros milagres, mas educa-os à razão, de modo a poderem dar-se conta de terem consigo o dono da padaria. Não tinham entendido por não terem aprendido a usar bem a razão, a ponto de reconhecer quem é que estava na frente deles, quem era Jesus”.* Então eu acho que nesses dias – pelo menos pra mim tem sido assim – às vezes é difícil reconhecer que Ele está com a gente. Mas pelo menos eu tenho feito esse trabalho. É o que tem acontecido. Eu sempre vejo as pessoas falando: “eu vou surtar, eu vou me matar porque estou dentro de casa”. Mas a gente, mesmo dentro de casa, a gente consegue experimentar a experiência de liberdade.

Colocação: Eu vou falar um pouco do que tem me tirado o sono. Vêm acontecendo várias situações que me retomam à famosa pergunta: “Quem eu sou?”; “O que me corresponde?”. E de certa forma, à princípio eu estava muito angustiada. Desesperada. Porque eu fui arrancada do nada. É como se o meu nada fosse o óbvio. Então, quem eu era, para mim era óbvio, era algo muito óbvio, inquestionável. E quando eu me deparei com diversas situações que chocaram isso, do tipo: “Talvez quem é você não seja tão óbvio assim” – me fizeram questionar e remoer tudo o que estava dentro. Não sei, me desesperou, à princípio. E dali eu me vi sem proteção, diante de uma série de acontecimentos, indo contra várias coisas e sem proteção alguma. Eu não sabia o que fazer e nem como encontrar e reconhecer Cristo nisso. Mas então alguma coisa mudou, e eu comecei a olhar tudo com uma beleza que eu nunca tinha visto. E eu vi o quanto tinha mudado a partir de uma fala do Papa, na homilia de Páscoa. Eu estava esperando muito a Páscoa no sentido de que “Quando a Páscoa chegar eu vou ser uma nova pessoa, eu vou ser incrível. Não vou mais me questionar e ficar mal diante disso”. E quando chegou na homilia, o Papa falou bem assim: “Cristo ressuscitado não é uma fórmula mágica que resolve os problemas”. E quando ele falou isso, eu me espantei: “Nossa, isso é real! Faz sentido”. E aí eu comecei a ver os problemas de outra forma, mas aí por um momento eu me peguei pensando em voltar ao nada. Porque algumas perguntas me machucam muito. Essas coisas que eu falo pra vocês que pra mim era inquestionável, e que

agora são questionáveis. Me machuca, me incomoda, me angustia me perguntar essas coisas e não conseguir ter conclusão alguma. Mas de certa forma eu sei que é isso que me mantém viva, são as perguntas que me mantém viva, mas tem perguntas que me incomodam. Então eu pensei: se eu voltar ao óbvio e me fechar, colocar uma tampa no meu vulcão, talvez eu fique livre desses machucados. Mas eu não sei, não sei como não vou voltar ao nada. Enfim, fico confusa.

Bracco: Quais são as perguntas que te inquietam?

Colocação: Eu falei essa de quem sou eu de verdade. Porque a minha situação é a seguinte: imagina que você está numa rua, com mil pessoas. E essas pessoas estão fazendo uma passeata em um sentido, que nesse sentido é: “você é isso”. “Olha, pra mim você é isso”. E todas essas pessoas têm uma opinião que segue para esse caminho. Mas eu me encontro sem proteção alguma, indo contra o caminho dessas pessoas. E agora eu parei e me questioneei: Mas por quê? Por que estou indo contra o sentido dessas pessoas? Por que elas estão ao inverso do que eu penso sobre mim mesma? Eu estou fazendo uma experiência de parar para pensar o porquê pensam tal coisa de mim, ou por que acham que eu sou alguma coisa.

Bracco: E quem é você, então? Começou a responder? Encontrou uma resposta?

Colocação: Eu não faço a menor ideia. Eu perco o sono, eu fico louca, mas não consigo chegar em conclusão alguma.

Bracco: Vocês viram aquilo que nosso amigo falou no início, que vocês falaram, o caminho dos apóstolos: não foi tudo óbvio, tudo normal; não foi tudo tranquilo. Nos momentos mais importantes da vida deles, da história deles com Cristo, mais do que quando eles assistiram aos milagres, os momentos de virada foram aqueles em que Jesus os deixava inquietos. Por exemplo: “Quem você acha que eu sou?”. “Mas vocês não se deram conta?”. Ou quando perguntou a Pedro: “Mas você me ama?”. São todas perguntas. Então não temos que ter medo de que chegue esse momento. Tem que olhar essas perguntas e ver o que se move dentro, o que essa pergunta está movendo dentro de você, o que está fazendo vir à tona, o que você está descobrindo. Quando surgem as perguntas, qual é a diferença entre o estar antes ou depois da pergunta? Por que antes você não tinha perguntas e de repente chega uma pergunta? Porque significa que aconteceu alguma coisa, está acontecendo alguma coisa. Então esse é o primeiro sinal de que não estamos sozinhos, e que a realidade está fazendo acontecer alguma coisa para me despertar, para me movimentar, para me inquietar, para fazer que eu descubra alguma coisa daquilo que era óbvio. Agora está todo mundo no mesmo barco: eu, você, a Sêmea, a Giovanna, todo mundo. Agora temos que descobrir quem eu sou, para onde eu vou, com quem eu estou, quem dá consistência à minha vida. Então esse dia, hoje, é uma ocasião para descobrir isso; o que estamos começando a descobrir? E depois, podermos juntos nos perguntar e nos ajudar. Porque, quando nascem essas perguntas que inquietam, não temos que ter medo. Por quê? Por aquilo que falei: porque os pontos de virada, os pontos onde se aprofundou alguma coisa, onde descobrimos alguma coisa, onde os apóstolos descobriram algo, sempre aconteceram quando Jesus os inquietava com perguntas. Então, qual foi a coisa que mais te marcou dessa experiência, nesse tempo?

Colocação: Primeiro que eu vi que eu estava sentindo na pele aquilo que a gente falava. Porque sempre entendi, com o caminho da Escola de Comunidade, que tinha que deixar as perguntas saírem. “É isso que te mantém vivo, é o seu vulcão”, como fala na música *This is my heart (Este é meu coração)*. Então sempre falei muito isso para os meus amigos. Mas em determinado momento eu me peguei na situação de querer tampar, porque eu também não estava aguentando ficar tão inquieta. Então a partir do momento que me deparei com isso, eu aprendi muito. Eu falei: eu tenho que realmente olhar para minhas perguntas, por mais que

algumas me machuquem muito. E eu também fiz uma experiência de liberdade muito grande, que eu não tinha me dado conta ainda. Porque quando você está no óbvio, você fica preso ali, e quando você tem alternativas, escolhas, oportunidades, você se dá conta do tamanho da sua liberdade diante das coisas. Isso me marcou muito, eu não tinha me dado conta do quanto eu era livre, sabe?

Bracco: Então você viu: você está fazendo, fez a experiência de uma liberdade, certo? Mas continuava a inquietação das perguntas. Então isso é um sinal maravilhoso, não? Porque quando temos as perguntas que inquietam, temos que descobrir o que então me deixa livre, mesmo na frente dessas perguntas que inquietam. Porque significa que o problema não é ter logo a resposta. Porque senão você não experimentaria a liberdade. Vamos em frente. Talvez alguém fez alguma experiência parecida.

Colocação: Eu também estava com esse tanto de questionamentos e me perguntando: o que eu estou fazendo? Estava tentando entender o motivo de tudo isso, porque essa pandemia paralisou geral, todo mundo está no mesmo barco, está todo mundo igual. E nesse tempo a gente fica pensando em muita coisa, e a gente dá uma parada para analisar, por exemplo, eu mesma fico falando um monte de vezes pra mim: “nossa, eu quero muito voltar para minha rotina”. E aí teve um dia em que eu estava participando de um encontro dos colegiais e falaram: “Vocês estão falando que querem voltar ao normal; mas vocês querem voltar ao normal como? Sendo a mesma pessoa que vocês foram antes de tudo isso que está acontecendo, ou vocês realmente estão percebendo alguma coisa que está acontecendo e estão vendo que é necessário uma mudança?”. Eu fiquei me perguntando muito sobre quem eu queria ser, porque eu também estava nessa: “Quem eu sou?”. Eu quero voltar à rotina normal, mas eu quero voltar a ser do mesmo jeito que eu estava antes? Ser a mesma menina? Ou eu quero sair e aproveitar depois, aproveitar cada momento, cada detalhe e ser uma pessoa melhor? Tentar entender o que realmente aconteceu e mudar, sabe? Porque o que eu ouvi na *live* me tocou muito, porque realmente eu não quero sair dessa quarentena para poder voltar e ser a mesma coisa que era antes. Porque a gente acaba não percebendo os pequenos detalhes e a gente acaba não dando tanto valor às coisas que a gente deveria. E nesse tempo em que eu comecei a me questionar sobre as coisas, comecei a pensar sobre as coisas, eu fui percebendo detalhes pequenos e a importância de cada coisa. E que realmente, eu estou na mesma situação dela, perguntando: “O que eu estou fazendo? Quem eu sou?”. Ai, eu não sei responder! E às vezes chego a uma conclusão e depois vejo que não é bem assim. Eu entendo muito isso de estar nesses questionamentos e ficar me perguntando, e buscar, querer entender, querer saber, porque a gente fica: “Meu Deus! Eu tenho que entender”.

Colocação: Mas, Bracco, eu estava pensando que quando você perguntou qual seria a fonte da minha liberdade, eu lembrei de um fato que aconteceu. Eu estava na aula à distância e o professor questionou sobre como a gente estava se sentindo com esse distanciamento social e tal. E aí uma menina respondeu que ela se sentia muito presa. Ela estava presa, ela não tinha mais liberdade. E eu falei que eu me sinto mais livre em casa, na quarentena, sem poder sair de casa, do que quando eu podia sair. E aí ficou um silêncio, porque ninguém entendeu o que eu queria dizer. E eu me dei conta de que a minha liberdade não consiste em poder ou não sair de casa. Eu posso ser livre dentro de uma gaiola, porque a minha liberdade não consiste no meu direito de ir e vir. É muito mais profundo do que isso. É algo que foi me dado, presenteado. Por Alguém, com A maiúsculo, eu diria. Então, não sei, talvez isso responda à pergunta. Uma das perguntas.

Colocação: Eu também estou me sentindo mais livre em casa. Provavelmente porque eu não estou tendo aula, estou de férias, estou tendo muito mais tempo para fazer as coisas que eu gosto. Só que uma coisa que eu achei muito estranha é que enquanto todo mundo pra quem eu pergunto, com quem eu falo, está pensando muito nesse período de quarentena, eu praticamente não estou pensando nada. E isso me irrita um pouco. Eu penso: como pode todo mundo estar tão reflexivo e eu só estou aproveitando ao máximo, mas sem pensar em nada? Eu não sei se isso é ruim, porque eu estou aproveitando os meus dias. Mas será que tem alguma coisa errada em eu não estar me preocupando com o resto das coisas, o resto do mundo? Eu estou me preocupando, mas não sentindo todas as dores do mundo dentro de mim. Só estou assim: “nossa, isso é tão triste!”. Só que depois de 3 minutos estou lendo o livro de que eu gosto ou indo no quintal brincar com meu irmão. Então eu fico um pouco pensando: Será que eu estou fazendo a coisa certa em aproveitar meu tempo de férias? Será que não deveria estar fazendo outras coisas? Será que eu não devia estar pensando mais?

Colocação: Eu tenho visto muito esse discurso de nessa quarentena ser proativo, de ter que fazer um curso, ver série, academia em casa, etc. Só que a gente pode preencher o nosso dia com “n” coisas, com série, com vídeo, com aula, com curso, com não sei o quê, mas o que a gente deseja é muito maior. Acho que o nosso desejo não tem nome ainda. É um desejo de algo grande, de verdade. Acho que às vezes a gente precisa dar esse tempo para a gente também, porque a vida é muito corrida e no dia a dia às vezes alguns detalhes vão passando despercebidos, por exemplo olhar o céu. Às vezes a gente considera muito óbvio: o céu está lá todo dia, a gente vê e amanhã eu posso ir lá e ver de novo, hoje também, mas a gente não para. Então a gente tem esse tempo agora, por exemplo, para ir olhar o céu, sei lá. Não precisa ser essa coisa da proatividade, de ter que ficar fazendo as coisas. Não é exatamente isso.

Bracco: Acho interessante essa coisa que vocês dois estão falando. Porque tem a ver com aquela pergunta: “Onde eu estou?”. Porque quando chegou esse tsunami aqui, na verdade eu já tinha começado a vivê-lo porque a minha família está na Itália e lá vocês sabem: na Lombardia, Milão, isso chegou muito forte. Agora está diminuindo um pouco, mas tem ainda 500 mortos por dia. Então eu tinha muita preocupação com aquilo que estava acontecendo lá, com números assustadores. E depois tinha a preocupação daquilo que poderia vir aqui, porque estava chegando. Então foi como um tsunami. Depois me encontrava em casa, porque começamos a ficar em casa, e a cabeça não parava, não parava de pensar. E você falava com o pessoal da minha casa era só notícias sobre o coronavírus. Aí ia na Internet, era coisa sobre o coronavírus. Não tinha um instante de paz, de pausa. Cada um de nós, se tem um pouco de consciência, foi investido por uma onda. Eu me sentia, em certo ponto, como uma formiga que vai pra cá, pra lá, meio enlouquecida. Quando você bate um dedo numa formiga – sem matá-la – ela começa a ficar uma louca, indo pra cá e pra lá, sem direção. Estava indo atrás de qualquer coisa, lendo notícias, coisas, depois fala um, fala outro.

Qual é a percepção? Era como se a minha razão... O que é a razão? Nosso amigo citou um trecho em que Carrón falava da razão. Razão é a capacidade de se dar conta da realidade. É um instrumento que cada um de nós tem para se relacionar com a realidade. Esse instrumento pode sofrer uma parada, o fator que mais trava esse instrumento que temos é o medo. Pensem quando chega o medo: você não consegue pensar, não consegue criar, não consegue ter paciência. Quanto mais a circunstância é imprevisível, imprevisível, mais dá medo, mais trava. Trava você, trava esse instrumento que nós temos de nos relacionarmos com a realidade. É por isso que precisa de alguém que o acalme, precisa ir atrás de qualquer coisa, todo mundo vai atrás de qualquer coisa. Por isso tem esses problemas enormes de ansiedade. Por quê? Porque é o medo – agora é o coronavírus, mas quantos medos temos ainda, na sociedade. E o medo nos trava, nos paralisa. Precisamos encontrar pontos de escape, precisamos encontrar

subterfúgios, precisamos encontrar outras coisas que nos deixam respirar. Mas quando Carrón falou aquilo, o que Jesus fez com os apóstolos, colocando as perguntas é como se Ele tivesse reativado esse instrumento que os apóstolos tinham, e que estava travado. O que Ele fez? Ele ativou as coisas fazendo com lembrassem daquilo que eles tinham visto. Então também para nós: quantos de vocês foram às férias, por exemplo? Quantos de vocês voltaram das férias dos colegas com o coração que vibrava? E o que era aquele vibrar, senão uma presença pela qual nós nos sentimos olhados, amados, perdoados, através de rostos de amigos. Mas não era a soma dos rostos dos amigos. Acho que muitos de vocês fizeram essa experiência, voltando pra casa. Não podiam falar: “Ah não, esse aqui é fulano, esse aqui é beltrano, esse aqui é ciclano”. Não. Foi como uma coisa que não dava para explicar, mas eu me senti olhado lá. É assim que a gente conhece uma presença que não se vê, mas que está presente; que podemos conhecer, que tem traços inconfundíveis. E aí de repente chega o medo, chegam as circunstâncias inesperadas, imprevistas que nos travam. É como se as férias tivessem acabado, ficaram lá no passado, não existem mais. Agora tenho medo, tenho que resolver esse problema, tenho que resolver o problema de mim, que não consigo respirar, não consigo dormir. Esse é o valor de uma presença, o valor de um grande amigo, que nos coloca as perguntas não para nos inquietar. A primeira razão não é nos inquietar. É uma inquietação no sentido que nos tira do óbvio, mas por quê? Porque é como se nos fizesse reconectar àqueles fatos que não estão no passado como um ponto que está fugindo, como uma pipa que uma criança soltou da mão. Não, estão dentro do meu eu. Só que eu preciso de um trabalho, preciso desse trabalho da razão, para que esses momentos fiquem conectados no meu presente, agora. Vocês não participaram das férias para deixá-las lá no passado. Vocês não viveram momentos em que o coração vibrou, para deixá-los lá no passado. Todos esses fatos, com o trabalho da nossa razão, são para viver o hoje. É hoje que eu posso pensar: “mas vocês lembram? Você lembra como foi olhado aquele dia? Você lembra daquilo?”. É uma consciência de algo presente que está comigo.

Então, isso é como se reativar a razão, juntar os pontos. E você começa a se perceber: “eu estou aqui”. Eu não sou mais aquela formiga que vai louca pra cá e pra lá. Eu posso estar no meu quarto, estar consciente de estar no meu quarto, estar consciente de estar num momento delicado, estar consciente de estar num momento difícil, estar no meu buraco do meu quarto, da minha casa, não poder sair. E se alguém me fala que eu não posso sair, eu já fico sem fôlego. Se alguém me fala que não posso sair do Rio de Janeiro, já não me basta. Se alguém me fala que não posso sair do Brasil, já não me basta. Imagina não sair de casa. Só que pode ter alguma coisa que me faz reativar essa capacidade, pela qual o mundo pode estar dentro da minha casa: eu posso fazer essa experiência de liberdade. Dom Giussani fez como um desenho, é como se fosse assim: aí tem a casa, o mundo, a cidade... Só que está fechado. Você é aquele pontinho, você está dentro daquele negócio. Como é? O que pode deixar você livre? O que faz você fazer a experiência de ser livre? E quanto mais alguém de nós é consciente – se ele está preso, ele se sente não livre – é se tem alguma coisa fora, pela qual eu posso perceber um vínculo. Por isso fazia um desenho ligando o pontinho a um X. Tem um pontinho e tem um vínculo com um X. O que permite a gente ser livre dentro de uma prisão? Tem um cardeal, que se chama Van Thuan, que quando era bispo ficou preso no Vietnã por anos e anos, em celas muito escuras. Ele conta da experiência de liberdade que você fica arrepiado. Era sustentado pelo vínculo com esse X, com essa presença. Que é uma coisa que está fora. Como é que a conhecemos? “Você se lembra daquelas férias?; Você se lembra daquele momento com a comunidade?; Você se lembra daquele olhar?; Você se lembra daquele papo?”. Tudo isso, esse trabalho da razão, alguém que me faz as perguntas, é como se juntasse para fazer a experiência de que aquele X existe. É àquele X que eu sou vinculado, eu tenho algo que está firme. E quando chega o vento, quando chega o impacto, é uma ocasião para quê? Para ver se a corda está presa. Então, para cada um de nós, essa circunstância é

como uma ocasião para ver com quem temos um vínculo, e se está presa essa corda. Você sente quando está presa. Ou quando está solta. E quando está presa, é a possibilidade de que se gere essa liberdade, mesmo estando dentro desse círculo fechado e eu sendo aquele pontinho.

Colocação: Como jovem eu gostaria de saber como que eu posso reconhecer e contribuir para o mundo ou em relação à família, amigos, aquilo que eu estou vivendo nesse tempo de pandemia?

Bracco: Quem fez alguma experiência que pode ajudar a responder a essa pergunta?

Colocação: Este momento sobre olhar o céu, reparar nos detalhes. E uma coisa que me tocou muito foi que na escola eu gostava muito de observar meus amigos, porque talvez aquilo me fizesse bem. E aí quando eu não podia mais ir para a escola eu pensei assim comigo mesma: que coisa vai substituir isso? Como que eu vou conseguir aquilo que você falou, ter um escape? Alguns dias eu começava a olhar o céu da minha cidade, que muitas vezes não tem as estrelas, e mesmo que tivesse uma ou duas eu sempre ficava muito feliz. E aí eu fui percebendo que era um momento de eu conseguir olhar outras coisas à minha volta que conseguiam também me preencher, não só as coisas a que eu estava acostumada: escola, sair com os amigos, e tudo o mais. E foi aí que eu tomei consciência de que outras coisas também poderiam me ajudar, como olhar o céu que muitas vezes estava escuro, sem nenhuma estrela, ou poluído, ou qualquer outra coisa. Ou também conversar com outras pessoas que me ajudassem.

Bracco: Como é que olhar uma estrela pode contribuir para o mundo nesse momento? O que você acha?

Colocação: Eu não sei, contribui pra mim. Ao olhar o céu eu me sinto... não sei descrever a sensação. Mas talvez outras pessoas não só olhando o céu, mas achando uma outra coisa que também as preenche.

Bracco: Porque, quando olhamos o céu, como você estava contando, a pessoa é mais ela mesma... Eu sou mais eu quando descubro que sou ligado ao céu infinito, olhando uma estrela, quando o meu coração vibra, descobrindo que eu sou mais eu porque eu não estava olhando as estrelas há anos, só preso nas minhas coisas... Quando um de nós sai do óbvio da rotina, do dia a dia, do estudo, das preocupações, do não gostar de si mesmo... e, olhando uma estrela se sente mais ele mesmo, descobre esse coração que ele tem. Quando acontece isso, o mundo é diferente. Quando um “eu”, quando alguém, que é uma coisa quase invisível, faz essa experiência que ela contou, o mundo é diferente. Mesmo que ninguém veja. Parece nada, mas quando o “eu” é mais ele mesmo, quando o “eu” cresce, é como aquilo que falei antes: é como se essa fosse a possibilidade da razão começar a ter a capacidade de se dar conta da realidade; começa a se expandir. Então, do seu buraco você começa a tomar consciência da casa; depois da casa você pensa na cidade; depois da cidade, você pensa no mundo, e se comove por esse momento, por esse momento de tanto medo, de tanta dor, de tanto sofrimento. E o mundo está dentro do seu coração, que começa a pedir isso. E tudo começou, talvez, olhando uma estrela. Dá para entender? Essa aqui é uma coisa que muda o mundo. É uma contribuição para a mudança do mundo, mesmo que ninguém veja. Quando rezamos assim, marcados pela realidade, quando somos mais nós mesmos por algo que está acontecendo, o mundo é como se estivesse dentro de nós, e nós contribuimos para o mundo. E isso pode também fazer surgir ideias. Isso é tão grande! Quando acontece uma coisa assim, desencadeiam-se energias até na minha razão. É como se desencadeasse energias que fazem

você se tornar mais criativo. Quando você se apaixona, entra como um fator que desencadeia as energias das quais você não se dava conta. Por exemplo, você começa a pensar num presente, quer organizar um jantar, quer organizar uma viagem num lugar bonito. E você antes estava aí, preso com as suas coisinhas de sempre. Então quando acontece um fato assim – porque aquilo que ela falou agora é como isso, é como um sinal desse vínculo – primeiro, o “eu” é maior, e isso já é uma contribuição para o mundo, mesmo se você não pudesse fazer nada. E segundo, libera energias criativas, faz a gente ter mais ideias, e podem surgir até ações concretas, e realísticas e razoáveis. Por exemplo, vendo aquilo que se pode fazer, faz nascer um desejo. Isso depende, mas a origem é essa. A origem, como uma faísca, é essa. Não é um esforço que a gente precisa inventar agora. Mas é quando acontece essa faísca que lhe faz alargar a razão, faz ser mais você mesmo, como quando você se apaixona, que acontece esse vínculo com esse xis hoje, e isso faz você ter ideias também para contribuir concretamente. Ou contribuir para outros que têm ideias. Para não ficar parado, mesmo se a gente tem que ficar parado. Por exemplo, Santa Teresinha do Menino Jesus. Ela é padroeira das missões. Os missionários, como o nosso Padre Inácio, ele faz 2 mil coisas. Ele não para, encontra 2 mil pessoas. Graças a Deus, um santo que temos na nossa cidade, que vocês têm aí. Mas Santa Teresinha, imagina, era padroeira dos missionários. Ela estava num Carmelo, estava numa clausura. Ela não saiu nunca! Ela morreu jovem. Por quê? Porque lhe aconteceu esse fato de se apaixonar por Cristo, esse X, essa estrela, e o mundo começou a caber dentro do quarto dela, dentro do convento dela, dentro do mosteiro onde ela estava, tanto que ela se tornou a padroeira das missões.

Então é interessante isso. Não é só contribuição física ou de atividades, mas a primeira origem é a contribuição de algo que acontece em mim, que faz como que caber o mundo em mim. Por isso quando uma de vocês falava: é verdade que podemos fazer tantas coisas, mas pensa como é diferente você pensar em todas as pessoas fora, quem está trabalhando nos hospitais, as velhinhas que estão preocupadas, as velhinhas que estão morrendo. Não é que precisamos pensar o tempo inteiro. Mas mesmo com aquilo que temos que fazer, com o tempo que temos para cuidar de algumas coisas, é outra coisa caber o mundo dentro de nós, dentro da nossa casa, como consciência. Não para ficar angustiado, mas para carregar conosco como consciência, é muito maior, é muito mais humano.

Bracco: Giovanna, como é para você?

Giovanna: Acho que eu estou muito bem representada por eles, Bracco. Muito bem representada pelo que os meninos falaram. A primeira coisa pra mim nesse tempo, é que eu estou com muitas perguntas. E é aquilo que você falou: mas por que uma realidade que antes não me gerava esse tanto de pergunta que eu tenho agora? Não me gerava nem um pouco esse tanto e essas perguntas. Algumas pra mim também causam isso: você quer se segurar, porque, pra mim, é como se me revirasse do avesso, entende. Você não tem pra onde fugir. Até fico querendo tamponar o vulcão, igual ela falou. É impossível, mas é o que você falou: mas por quê? Por que agora eu tenho esse tanto de pergunta? E para mim tem sido uma graça; tem sido muito dramático, Bracco. Acho que os meninos descrevem bem: essa pergunta de como que eu contribuo no mundo, na pandemia, se eu estou em casa, se eu não posso sair de casa; ou essa pergunta: o que me faz livre? Porque de fato eu não acho que é voltando a sair de casa que eu vou voltar a ser livre. Não acho que é isso, a resposta não é que a vida volte a ser como era, e eu vou ser mais feliz com ela voltando a ser como era. Depois, porque eu tenho a necessidade de que seja agora. Eu quero ser feliz agora, não quero esperar o coronavírus passar, dois meses, sei lá, e aí eu volto a ser feliz. Pra mim não me satisfaz. Mas para mim é como uma evidência da realidade, conversando com você, conversando com o Pe. Julián, aqui em casa também, com a Sêmea. Mas é como se a realidade se impusesse. É como se fosse

uma evidência de que a realidade existe, e de que ela é muito maior do que eu, muito maior. Porque se dependesse da gente, primeiro eu acho que a gente não ia escolher ter um vulcão dentro da gente; acho que a gente ficaria ali com um fogãozinho, que não tem risco de incêndio, que faz a comidinha básica aí de cada dia e tudo sob controle. Eu lembrei de uma vez que você explicou pra mim sobre a razão, e aí você falava na bomba atômica e tal, mas você falava das correntes: que Cristo arrancou todas as nossas correntes, o que aprisionava a gente. Agora eu não sei, é um tempo de dizer: isso é verdade ou não é? O que eu encontrei? Ou aquela experiência que eu estava conversando com os meninos de uma Escola de Comunidade também: é legal ter os acampamentos aqui, ou as férias, maravilhosas, mas o que aquilo tem a ver com o que a gente está vivendo agora? Porque eu preciso que aconteça agora, eu preciso que aquelas férias maravilhosas tenham a ver com o agora. Eu adoro os exemplos do Bracco, porque eu sou aquela formiga, eu não tenho foco. Aí comecei a fazer também uns diagnósticos aqui na quarentena: déficit de atenção, ansiedade generalizada – estou zoando – mas é isso, eu vou me sentindo descrita nisso tudo. Teve algo que um deles falou, que é isso: no início da quarentena eu fiquei super feliz – “Nossa, vou escrever meu projeto de mestrado! Nossa, vou fazer tudo o que eu queria”. E não me satisfaz, não é isso que me satisfaz, é muito pouco pra mim, muito pouco, sabe. Assim como pensar: “Nossa, beleza, vai acontecer um milagre, coronavírus acaba hoje, amanhã eu já posso sair de casa, sou feliz”. Não sei, pra mim é muito pouco, entende, porque se Cristo não pode entrar em toda a realidade, inclusive nessa, eu não quero Cristo. A minha vocação então teria alguma coisa errada.

E depois, Bracco, quando você fala do vínculo. Eu também tenho perguntado: mas em que medida eu sou determinada por esse vínculo? Em que medida eu vivo uma experiência que me ajuda a dizer: “Nossa, a corda tá bamba”. Será que eu estou vivendo o presente de uma forma que eu consigo dar esse juízo, como: “Nossa, minha corda está frouxa!” O que é desse vínculo aí? É o que você falou, a gente sente quando a corda está puxando você, essa tração. Você sente quando a realidade está chamando, é essa coisa que você fala do vínculo. Então eu estou vivendo de uma forma que eu sei dizer “Nossa, que corda frouxa!”, tanto fez e tanto faz se eu estou amarrada nesse vínculo ou não? Ou eu quero ser tracionada, sabe, puxada, atraída pela realidade, inclusive pela realidade de ficar nesta casa. Então, essa coisa do vínculo que você fala fica na minha cabeça martelando essa coisa da razão. Quando você falou também essa questão de liberdade, isso pra mim é carnal, não sei como dizer. Que é outra coisa que você dizia que pra mim faz muito sentido: quando eu sou livre é uma coisa física... Hoje ver os meninos também, que eu estava morrendo de saudade, ver os amigos, pra mim isso é físico, me muda.

Bracco: O Carrón falou no encontro que fez com os colegiais, semana passada, o texto falava assim: *Eu desejo isso para vocês. Deixem entrar a presença d’Ele viva no coração de vocês, nas dobras da vida de vocês, para que a circunstância atual não seja uma tumba, um túmulo. Mas o lugar de ressurreição, o lugar onde vocês podem ver florescer o eu de vocês – que é aquilo que falamos antes. Por que deixo para vocês essa mensagem? Por que, entre todas as coisas, decidi falar isso? Porque o homem só vê dentro de um relacionamento: como filho perto do pai, como um discípulo à frente do mestre verdadeiro, como amigo perto de um amigo poderoso. O homem vê de dentro daquele relacionamento, como João e André começaram a ver de dentro do relacionamento com o amigo deles vivo.*

Eu leio isto todos os dias, neste tempo. Para que seja algo para mim.

Colocação: Eu posso falar mais uma coisinha? Eu percebi – e eu não tinha percebido isso antes, mas depois de ouvir vocês falando, fui anotando algumas coisas – que apesar de fazer um milhão de coisas nos meus dias, no final eu sinto que eu não fiz nada. E eu sempre senti isso, só que como não estou indo na escola nem estou estudando, isso está pior, porque eu

ainda falava: “Ah, sinto que não fiz nada, mas eu fui para a escola”. Eu tinha alguma coisa pra fazer.

Bracco: Está pior ou está melhor? Imagina passar uma vida, passar os melhores anos da sua vida, esses anos são os melhores – mentira, os melhores são aqueles que sempre vêm depois do que você está vivendo. Mas esses anos são anos onde se plantam as sementes, se veem as flores do nosso eu explodindo, os vulcões... é o período dos vulcões. Imagina se você passasse tantos dias sem você se dar conta de que não está acontecendo nada. Então agora, quando eu me dou conta disso, isso é uma graça. Pior é quando a gente não se dá conta. Entende? Essa é a maior ajuda que a gente se dá. Porque agora você pode falar: “Caramba! Olha o que ela falou, o que falamos lá”. Agora amanhã, quando você retomar as suas coisas, etc., você pode retomar essas coisas, lembrar. E o tempo terá uma outra densidade. Não vai passar assim como se o dia fosse nada e você sem nada na mão. Só que antes você não se dava conta, agora você não fica tranquila de não ter nada na mão. Isso é um bem.

Colocação: No começo dessa história toda eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Minha escola cancelou a aula, e a gente está tendo atividade à distância. Só que eu não estava entendendo o que estava acontecendo: cancelar a aula? Pra quê? Não é nada. Só que depois que a gente começou a ficar em casa, eu achei que ia ficar uma ou duas semanas e depois ia voltar tudo ao normal. Só que aí, do nada, “quarentena até 2022”, aí eu já falei: “Agora ferrou. Vou ficar aqui pra sempre, o que vou fazer da minha vida?” Aí eu comecei a ficar meio desesperada, porque bem no ano que eu falei: “nossa, 2020 vai ser meu ano, vou, sei lá, ajeitar minha vida”, teve uma pandemia. E aí eu fiquei muito arrasada. Quando bateu o que estava acontecendo, eu fiquei muito em choque, porque ninguém que está vivo já passou por isso, é a primeira vez, e uma coisa que eu nunca imaginei que ia acontecer era isso. E eu comecei a ficar muito ansiosa por causa das coisas da escola que eu não estava conseguindo fazer, não é a mesma coisa. E eu estava com medo de ir mal nas provas, de não conseguir. Porque eu nunca tinha passado por isso. Eu sou uma boa aluna, só que meio que em casa você tem muitas coisas pra se distrair, pra procrastinar. E eu ficava o dia inteiro só meio que olhando pra tela, falando que eu não conseguia fazer aquilo, que eu não era capaz e eu só queria que tudo voltasse ao normal. Só que quando eu parei e eu percebi que eu tinha falado isso, eu fiquei: “quero voltar pra escola!”. E eu fiquei muito chocada, porque é uma coisa de que eu reclamo todos os dias: eu não gosto de ir pra escola. Só que quando meio que perdi isso, eu reparei o quanto que é importante. E aí tem agora um Instagram dos colegiais e teve alguém que escreveu um texto falando sobre se sentir livre mesmo estando dentro de casa, e da presença de Deus... E eu fiquei muito chateada, porque eu não estava sentindo nada disso, só estava me sentindo ansiosa e não aguentava mais ver notícia do coronavírus. E eu me sentia tão presa, presa na minha mente, principalmente. Eu só conseguia olhar e falar: “Agora ferrou, minha vida acabou aqui, nunca mais vou sair de casa, e é isso!” E ler uma coisa dessas, de uma pessoa que consegue se sentir livre mesmo nessa situação, com a presença de Deus, eu pensei: “Tem alguma coisa errada comigo!” E eu lembro que a gente fez uma Escola de Comunidade tempos atrás e uma amiga que estava ali falou que a gente podia ficar bravo com Deus. E eu meio que eu fiquei com isso na cabeça por muito tempo, aí eu estava rezando para acontecer um milagre e acabar a pandemia, o coronavírus sumir, aí eu fiquei: “Deus, caramba, nessas horas você faz isso? Vai ficar esse tempo todo...” E aí eu queria ter essa sensação de liberdade, mas eu não estava conseguindo, porque eu estava presa dentro de casa, dentro de casa e principalmente dentro da minha mente, que estava a mil, sempre. Então fico enrolada sempre que eu falo disso, mas eu estava também muito angustiada, por não estar conseguindo sair e olhar tudo claramente. E principalmente de enxergar Deus no meio disso tudo. Porque parece que é só desgraça e eu estava na escuridão e ninguém acendia uma luz

para eu sair da minha cabeça. E eu fiquei muito angustiada, porque eu só queria que tudo isso passasse. Só que depois eu vi o que um amigo falou, que você consegue se sentir livre, mesmo estando preso dentro de casa, que tem coisas que você pode fazer. E agora, olhando, eu percebi que eu fiz coisas que durante o meu dia a dia não consigo fazer porque eu não tenho tempo, e eu fiquei muito feliz com isso: eu estou tentando fazer isso faz o maior tempo, mas eu não tinha tempo, e agora que eu tive, eu fiz. E às vezes acho que falta isso, a gente parar para pensar. Porque às vezes é muito no automático, tudo, mesmo que você fale: “nossa, não, deixa eu pensar nisso”, mesmo assim é. E eu nem ia vir participar deste encontro, porque eu não estava me identificando com Deus e tal, mas acho que no final disso tudo foi bom ter vindo... É isso.

Bracco: Porque a luz, quando nos surpreende, é melhor ainda, do que quando a gente liga a luz. Mas é muito legal, quer dizer, é muito verdadeiro aquilo que você fala. Porque, mais que na nossa casa, podemos estar presos na nossa mente. E que possa acontecer essa coisa que nos faz sair desse círculo, sabe. Esse é um sinal desse Deus que... Não é que temos que parar de pedir que acabe essa pandemia, nós temos que rezar com coragem, como o Papa falou e fala. “Deus, faz com que passe logo esse negócio. Tu que podes tudo, faz com que passe logo”. Mas, ao mesmo tempo... Imagina que loucura: como é que Deus permitiu que o Filho d’Ele vivesse tudo aquilo que passou? Dá para estar chateado com Deus. Jesus, esse vínculo, nesse mistério que foi toda a história da Sexta-feira Santa, permitiu uma coisa inexplicável. Mas nesses dias podemos entender mais ainda o que aconteceu. Foi alguém que entrou na escuridão, na sua escuridão, para Ele ligar a luz. Ele quis entrar em toda a escuridão, não tem mais uma escuridão onde Ele não possa entrar, porque Ele foi na escuridão mais escura que existe. Até morrer por nós. Porque até na escuridão da nossa morte, não ficamos sozinhos. E depois passou Sábado Santo, que foi um silêncio absurdo. Por que deixou esse dia? Não podia ressurgir logo. Mas deixou um dia inteiro de silêncio, ninguém sabia nada. Todo mundo já vivendo como se Ele não existisse mais, vivendo de uma lembrança. Quantos de nós podemos viver de lembrança? “Ah, como foram bonitas as férias! Ah, como foram bonitas!” Mas não tem nada a ver com a escuridão que temos que viver. Não consegue responder. Não consegue ligar a luz. Cada um de vocês viveu um monte de coisa. Então também passamos esse Sábado Santo. Agora: onde fazemos a experiência de ir lá visitar um morto, e Ele não está? Ele não está porque está em algum lugar. Esse é o nosso momento. É o nosso momento de ir lá, querendo visitar um morto e Ele não está. Quem de nós acorda de manhã, com desejo de procurar onde Ele está? Como a Madalena, como João, André, aquele dia? Esse tempo misterioso é para resgatar tudo, para que tudo torne a viver de dentro, de dentro daquilo que cada um de vocês viveu; para que volte a ter vida, que não seja um túmulo. E que acordemos de manhã como João, os apóstolos, como Maria Madalena. Onde será, onde estará hoje? Como vai aparecer, hoje? Onde estará hoje? Com as chagas. Porque Ele ressuscitou com as chagas. Ele não quis deixar. Isso é para nós. Obrigado!

Sêmea: Para mim está sendo um momento de várias perguntas como todo mundo, Bracco, porque eu acho que é o momento de um grande silêncio. E eu tenho me perguntado muitas coisas. Por exemplo, eu sou bem mais velha do que vocês, mas eu também me pergunto: “Mas eu, quem eu sou? Será que de fato eu me conheço?” Porque é um momento em que a gente, em que eu estou parada olhando para as minhas necessidades. E eu sou muito de fazer coisas. E esse momento de estar aqui trabalhando em casa – porque também tenho que dar aula online, não é uma coisa que eu gosto, eu preciso de contato com os meus alunos – eu ficava me perguntando questões existenciais mesmo, sabe? De me conhecer, de ter reações de determinados fatos que eu não pensei que eu era assim. E nesse momento, estando em casa, eu me percebo me conhecendo quem eu de verdade sou. Mas não me sinto presa. Em nenhum

momento me sinto presa. Eu não gosto de muvuca, no centro da cidade aqui em Belo Horizonte, detesto ir lá. Mas me deu uma saudade de ir lá!, de ver a muvuca. Eu falei: eu que não gosto, estou com saudade disso! Parece que é um contrassenso, né? Mas ao mesmo tempo é uma coisa muito bonita. Eu acho que é um momento muito positivo de tudo isso que está acontecendo, pra todos nós. A gente tem que aprender a olhar o que Cristo está querendo dizer com essa circunstância para a gente. Não sei, Ele está dizendo pra cada um da sua maneira, pra cada um da sua necessidade. E acho que pra gente Ele está fazendo com cada um. Ele está com um amor tão grande... Pra mim não tenho que duvidar dessa paternidade, desse amor d'Ele para conosco neste momento. Eu fico sempre com aquela imagem que pra mim me marcou: no dia 27 agora, de março, quando eu vi o Papa naquela praça sozinho, era uma praça em que ele estava sozinho, mas ele estava carregando o mundo inteiro. Então ele não estava só. Eu falei: como um homem que está sozinho, está com o mundo inteiro com ele? Para mim isso me marcou muito porque eu quero ser como esse homem, que tem o mundo inteiro junto comigo. Mas não comigo, Sêmea, com aquilo que eu encontrei.